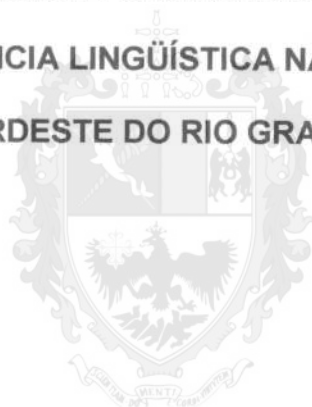


UNIVERSIDAD DEL SALVADOR  
TESE DE DOUTORADO EM LÍNGUAS MODERNAS

**AQUISIÇÃO DE ESPANHOL POR FALANTES DE PORTUGUÊS: O  
PRECONCEITO DA DEFICIÊNCIA LINGÜÍSTICA NA REGIÃO DE COLONIZAÇÃO  
ITALIANA DO NORDESTE DO RIO GRANDE DO SUL (RCI)**



USAL  
UNIVERSIDAD  
DEL SALVADOR

DOUTORANDA: ELSA MÓNICA BONITO BASSO

ORIENTADORA: Dra. NEIRES MARIA SOLDATELLI PAVIANI

Buenos Aires  
Novembro/2005



## AGRADECIMENTOS

USAL

UNIVERSIDADE  
DO SALVADOR

Agradeço em especial à minha orientadora  
Dra. Neires Maria Soldatelli Paviani,

Aos colegas da UCS que colaboraram para  
que esse trabalho pudesse se concretizar,  
em especial à professora Ms. Ana Beatriz  
Casagrande Callegari

À minha mãe, Elsa, meu esposo, Airton e  
meus filhos Alexandre e Daiana, que  
compartilharam todos os momentos dessa  
caminhada.

## Folha de aprovação



USAL  
UNIVERSIDAD  
DEL SALVADOR

## RESUMO

Este trabalho analisa o bilingüismo na Região de Colonização Italiana (RCI) do Rio Grande do Sul, mais especificamente nos municípios de Caxias do Sul e Farroupilha, e a postura adotada pelos descendentes de imigrantes italianos perante a aquisição de língua espanhola no âmbito universitário. Os dados foram colhidos em alunos do curso de Comércio Exterior da Universidade de Caxias do Sul (UCS) em um total de 70 alunos de 5 turmas diferentes, nos municípios de Caxias do Sul e Farroupilha, no ano 2000. O instrumento utilizado foi um questionário constituído por perguntas objetivas e outras subjetivas, referentes às variáveis idade, descendência étnica, postura do informante perante a língua portuguesa, língua espanhola e variação dialetal italiana, levando-o a uma breve reflexão sobre a percepção própria da sua realidade. Partindo da análise descritiva, quantitativa e qualitativa dos dados, com base nas teorias de Saussure (1968) sobre a relação entre língua e nação e língua e sociedade, Labov e Lambert (1972), quanto à mudança lingüística, Gumperz (1986) quanto ao comportamento lingüístico de grupos minoritários e Bernstein (1971, 1982, 1990) que estabelece a diferenciação entre os códigos lingüísticos, fazendo uma breve revisão da realidade histórica e atual dos informantes, chega-se aos lingüistas contemporâneos como Soares (1996), Bagno (2001) e estudiosos que analisaram outros aspectos específicos dessa região de colonização italiana, com o objetivo de contribuir com alguns subsídios que possam auxiliar no ensino-aprendizagem de língua espanhola nessa e em outras comunidades, por natureza, bilíngües. Conclui-se que o aluno descendente de imigrantes italianos merece uma atenção especial, no sentido de melhorar sua auto-estima e fazer com que perceba a importância de tirar proveito do seu conhecimento prévio, tanto lingüístico quanto cultural das línguas portuguesa e dialetal italiana. Isso será possível na medida em que os professores de línguas de todos os níveis saibam como trabalhar com alunos bilíngües e que considerem esses alunos como tais.

**PALAVRAS CHAVE:** bilingüismo, preconceito lingüístico, língua dialetal italiana/português, ensino de língua espanhola

## ABSTRACT

This work analyzes bilingüism in the Region of Italian Colonization (RCI) in Rio Grande do Sul, Brazil, more specifically in the areas of Caxias do Sul and Farroupilha. At the same time, the attitude of Italian immigrants' descendants towards acquisition of Spanish as a foreign language at university was studied. The data were collected from students of International Business at Universidade de Caxias do Sul (UCS), totallizing 70 students of 5 different groups, in Caxias do Sul and Farroupilha, in 2000. The instrument used to collect data was a questionnaire made of objective and subjective questions, referent to variables such as age, ethnic group, attitude towards Portuguese, Spanish , and Italian variety, leading students to reflect about their own view on theories of lingüists such as Saussure (1968), about language and nation, and language and society; Labov and Lambert (1972), about lingüistic change; Gumperz (1986) about lingüistic behaviour of minor groups , and Bernstein (1978, 1989, 1990), who differentiates among lingüistic codes. A brief review of Brazilian history and present days shows students' reality. Then, some ideas of modern Brazilian lingüists, such as Soares (1996) and Bagno (2000) are presented together with findings of other researchers who analyzed specific aspects of the region of Italian Colonization in this area of Brazil. The aim of this is to contribute with some subsidies which can help in teaching and learning of Spanish in this and other bilingüal communities. The conclusion is that Italian immigrants' descendants deserve special attention, in the sense of improving their self-esteem and understanding the importance of taking profit of their lingüistic and cultural knowledge of Portuguese and Italian variety. This will only be possible if language teachers at all levels know how to work with these bilingüal students and consider them as such.

**KEY WORDS:** bilingüism, language prejudice, italian dialect language/ Portuguese, spanish language teaching

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Gráfico 1</b>	Variável idade dos alunos entrevistados.....	76
<b>Gráfico 2</b>	Variável sexo .....	76
<b>Gráfico 3</b>	Municípios de residência dos alunos .....	77
<b>Gráfico 4</b>	Habitantes da zona urbana e rural.....	78
<b>Gráfico 5</b>	Variável origem étnica dos alunos .....	78
<b>Gráfico 6</b>	Bilingüismo em alunos de descendência italiana .....	79
<b>Gráfico 7</b>	Gosto pela língua espanhola .....	80
<b>Gráfico 8</b>	Importância de conhecer a VDI.....	82
<b>Gráfico 9</b>	Gosto pela variação dialetal italiana .....	82
<b>Gráfico 10</b>	Semelhança entre VDI e língua espanhola.....	84
<b>Gráfico 11</b>	O que é falar “bem” uma língua? .....	86
<b>Quadro 12</b>	Como você aprende melhor uma língua? .....	87

## SUMÁRIO

RESUMO.....	04
ABSTRACT.....	05
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	06
INTRODUÇÃO .....	09
<b>1 DIMENSÃO DA LINGUAGEM .....</b>	<b>13</b>
1.1 Finalidade da linguagem: de Aristóteles a Chomsky.....	15
1.2 A palavra como signo .....	19
1.3 Ato de fala: efeitos e conseqüências .....	21
<b>2 A LINGUAGEM NA SOCIEDADE TECNOLÓGICA.....</b>	<b>25</b>
2.1 Concepções modernas da linguagem.....	26
2.2 A linguagem da filosofia.....	29
<b>3 BILINGÜISMO, LÍNGUAS EM CONTATO IDENTIDADE ÉTNICA E PRECONCEITO LINGÜÍSTICO .....</b>	<b>32</b>
3.1 Língua, linguagem e metalinguagem .....	35
3.2 Variação e mudança lingüísticas .....	37
3.2.1 Reações subjetivas a mudança lingüística: Labov e Lambert.....	39
3.3 Sincronia e diacronia .....	42
3.4 Diferenças diatópicas, diastráticas e diafásicas.....	43
3.5 Dialeto, diglossia e preconceito lingüístico.....	44
3.6 Língua, linguagem e cultura.....	47
3.7 Variação lingüística, déficit lingüístico e escola: Bernstein e sua teoria .....	54
<b>4 A COLONIZAÇÃO ITALIANA NO NORDESTE DO RS: LÍNGUA, CULTURA E EDUCAÇÃO.....</b>	<b>58</b>
4.1 Variação dialetal no português do Brasil.....	60
4.2 Os dialetos italianos no Rio Grande do Sul.....	63
<b>5 VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA, DEFICIT LINGÜÍSTICO E ESCOLA .....</b>	<b>67</b>

<b>6 METODOLOGIA: COLETA DE DADOS PARA ANÁLISE DA POSTURA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO DO IDIOMA ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA (DESCENDENTE DE IMIGRANTES ITALIANOS)</b> .....	70
6.1 Sujeitos de pesquisa.....	72
6.2 Área geográfica de estudo.....	73
6.3 Instrumentos de pesquisa utilizados .....	74
<b>7 IDENTIFICAÇÃO DE INDICADORES DE EXISTÊNCIA DE PRECONCEITO LINGÜÍSTICO NOS ALUNOS DA RCI: ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	75
7.1 Domínio no uso da variação dialetal italiana (VDI) pelos alunos.....	79
7.2 Reconhecimento de Interferências Fonéticas e Semânticas da Variação Dialetal Italiana (L2) no Espanhol (LE) .....	80
<b>8 APRENDIZAGEM DE ESPANHOL (LE) POR ALUNOS DESCENDENTES DE ITALIANOS NA RCI</b> .....	90
8.1 Aspectos de teorias de aquisição da linguagem .....	90
8.2 Formas de lidar com a situação de bilingüismo .....	96
8.3 Como ensinar espanhol a alunos bilíngües descendentes de italianos na RCI: algumas sugestões didáticas.....	99
8.4 Considerações para um ensino significativo de espanhol (LE) .....	101
8.5 Alternativas lingüístico-pedagógicas específicas para o ensino de espanhol na RCI .....	102
8.5.1 Qual seria o melhor método de ensino? .....	104
8.5.2 Uma proposta dialógica .....	106
<b>CONCLUSÃO</b> .....	110
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	113
<b>ANEXO 1 – Questionário</b> .....	120



## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar as características dos aprendizes de língua espanhola da região de colonização italiana do Rio Grande do Sul (RCI), bem como sugerir uma proposta didático-pedagógica de ensino de língua espanhola para estes estudantes, que possa servir como base para projetos de ensino em áreas determinadas ou para cursos de espanhol como língua estrangeira em geral, nesta região.

Partindo de uma reflexão sobre a dimensão da linguagem desde Platão e Aristóteles, passando por Santo Agostinho e chegando aos lingüistas modernos, fundamenta-se o porquê de estudar a linguagem levando em conta os aspectos culturais dos indivíduos.

A proposta se baseia na consideração da origem étnica, costumes e cultura destes estudantes, no ato do ensino-aprendizagem da língua espanhola, fato que exige do professor uma atitude: estar aberto para assimilar essa cultura e entender a origem étnico-lingüística dos aprendizes. Para isto é necessário considerar aspectos de aquisição de segunda língua, da política lingüística referente ao ensino de

português (língua materna) nas escolas no Brasil, da atitude que tem sido tomada pelos professores de português língua materna, em situações de bilingüismo (prestígio e preconceito) e ainda, da opinião pessoal e estratégias utilizadas pelos alunos na aquisição da língua estrangeira.

Pode-se dizer, então, que este estudo propõe-se a fazer um trabalho de conscientização do professor no sentido de que ele seja um facilitador na aquisição de língua espanhola por parte do aluno, fazendo com que ele deixe de lado, por primeiro, os preconceitos ou “mitos de deficiência lingüística” na sua própria língua. A estes conceitos referem-se lingüistas contemporâneos, como Soares (1996) e Bagno (2001). Labov, já na década de sessenta, contestava a teoria da deficiência lingüística e comprovou com seus estudos e pesquisa sobre variação lingüística na sociolingüística variacionista que “diferença não é deficiência”. Referindo-se à mesma como “teoria da privação verbal”, insiste na importância social do papel do lingüista, a quem cabe desmistificá-la, porque só ele pode demonstrar as falácias da teoria, construída por especialistas que não conhecem a natureza da linguagem e não têm uma noção exata das relações entre dialeto-padrão e dialeto-não-padrão.

No capítulo 1, faz-se referência aos primeiros estudos sobre a linguagem, em Platão, Aristóteles, passando por Santo Agostinho, até chegar às concepções modernas de linguagem, no capítulo 2.

No capítulo 3, é feita uma revisão da literatura para definir os termos utilizados: língua, linguagem, variação dialetal, dialeto, preconceito, deficiência lingüística, bem como os termos relacionados com esses conceitos.

Para situar estes indivíduos geograficamente e culturalmente, no capítulo 4, é apresentada a RCI (região de colonização italiana no Rio Grande do Sul) e ao mesmo tempo se descreve como foi a chegada dos primeiros imigrantes italianos, sua situação social política e econômica, e sua inserção na sociedade atual. Como o foco do trabalho é como trabalhar com línguas estrangeiras, será feita também uma apresentação dos dialetos italianos que se encontravam, e se encontram ainda na região citada.

A continuação, no capítulo 5, descreve-se como é ensinada a língua materna nas escolas no Brasil e qual é a atitude do professor de português LM, perante as situações de bilingüismo. No mesmo item, apresentam-se opiniões de lingüistas contemporâneos (Bagno, 2001 e Soares, 1996) que caracterizam a situação lingüística no Brasil, como sendo descuidada com as variações lingüísticas, tentando impor a norma padrão. Neste sentido é feita uma relação com os alunos da UCS, apresentando sua própria realidade lingüística. Colocam-se, também, alguns conceitos e aspectos epistemológicos básicos.

No capítulo 6, é descrita a metodologia utilizada para coletar dados que revelem quais as características, expectativas, e postura dos estudantes da RCI perante a língua espanhola. Para isto o primeiro instrumento é um questionário elaborado e aplicado em duas etapas (uma primeira fase de teste, e uma segunda para avaliação dos resultados).

Já no capítulo 7, são analisados os dados coletados, chegando a algumas conclusões quanto às características, postura, etc, dos alunos e sua conduta perante a aprendizagem de espanhol (LE).

E finalmente, no capítulo 8, colocam-se algumas sugestões para o ensino de LE na região, levando em conta os dados analisados, propondo a conscientização do professor que atua na região de colonização italiana , no sentido de considerar seus alunos como bilíngües e incentivá-los a valorizarem essa característica.



## 1 DIMENSÃO DA LINGUAGEM

O pressuposto que o estudo da linguagem requer um horizonte capaz de produzir sentido, e não somente uma simples descrição de um fenômeno empírico, vale também, para a leitura dos filósofos gregos. O uso da fala como função de dizer ou ensinar, por exemplo, concebe o pedagógico como uma relação comunicativa com todo o ser humano, dirigida à busca da verdade. Nessa perspectiva, no Crátilo e no Sofista, Platão investiga, com relação ao nome e ao enunciado, a natureza da linguagem: se existe por convenção ou por natureza; se exprime a essência das coisas; se além do discurso verdadeiro é possível o discurso falso. Aristóteles, por outra parte, ao elaborar uma teoria da significação sob o predomínio do pensamento lógico, define a linguagem como símbolo. A palavra pronunciada e escrita corresponde a estados da alma, ou seja, a relação entre linguagem e ser recebe um entendimento específico, pois as palavras (os nomes) servem como símbolos das coisas.

Os estoicos, mais tarde, estabelecem uma relação bastante clara entre significante (semainon) e significado (semainomenon). E na confluência dessa vertente estoica, através do Sexto Empírico e de Diógenes Laércio, aliando uma certa compreensão da filosofia de Platão, com alguma influência de Aristóteles e Plotino, propõem-se questões que serão rearticuladas por Santo Agostinho, quem estabelece “uma espécie de elo entre os autores citados e os lingüistas modernos” (Paviani, 1998)

No ensino de uma língua estrangeira, as funções de “dizer” e de “ensinar” quase se confundem e é forte a presença da cultura tanto daquele que “ensina” quanto daquele que aprende. Os “estados da alma” dos que nos fala Aristóteles influenciam na aquisição da língua estrangeira, e essa influência poderá ser positiva ou negativa.

Se analisarmos o diálogo entre Santo Agostinho e seu filho Adeodato em *De Magistro*, vemos que pai e filho são interlocutores e conduzem uma conversação com argumentos intuitivos, derivados de suposições. A pergunta de um e a resposta do outro se confundem em uma exposição teórica, talvez “a mais antiga e completa da ação comunicativa” (Paviani, 1998). Segundo o mesmo autor, a “locutio ad quid instituta” (finalidade da linguagem), que será abordada no próximo item, “sublinha a necessidade de examinar a fala, diálogo, além de seus aspectos sintáticos, semânticos e lógicos, como elementos constitutivos da intersubjetividade e da autoconsciência”. Ainda que a solução de Santo Agostinho tenha um caráter metafísico-teológico, é evidente o esforço explicativo que situa o diálogo no contexto das possibilidades de comunicação entre os homens. *De Magistro* não reduz o ato de fala a um intercâmbio entre os interlocutores, entre o tu e o eu, mas dá à fala uma dimensão coletiva universal, e é nessa perspectiva que são analisadas as perguntas e respostas de Santo Agostinho e Adeodato sobre o falar para ensinar ou para aprender.

Para Santo Agostinho, o acesso ao real supõe sempre a mediação do pensamento, e o pensamento, por sua vez, origina-se da iluminação divina. Antes da palavra falada e da palavra pensada (não proferida) existe o *verbum cordis*, que é anterior a toda forma lingüística (*De Trinitate*, IX, 11).

Podemos dizer que Santo Agostinho analisa os “estados da alma” desde um ponto de vista mais “social”, relacionando os estados da alma individuais como elementos constitutivos da intersubjetividade, ou seja, na sua relação com os outros. Novamente, um ponto fundamental na compreensão de uma cultura em geral, incluída a sua língua.

Enquanto que as investigações atuais da linguagem privilegiam a força ilocucionária do ato de fala, De Magistro retome a linguagem em todos seus aspectos, ou seja, também, em sua dimensão perlocucionária, expressão igualmente descrita por Austin (How to do things with words), para mostrar a palavra na amplitude de sua finalidade. Sem linguagem não há comunicação, mas a linguagem não se reduz a um meio, é dimensão do homem como ser de aprendizagem, capaz de aprender a verdade, em um processo de construção interagindo com os outros e o meio em que se insere.

### 1.1 Finalidade da linguagem: de Aristóteles a Chomsky

“Falamos para ensinar ou para aprender, ou para suscitar lembranças nas outras pessoas ou em nós mesmos” (De Magistro)

O diálogo De Magistro alcança através de perguntas e respostas, conceitos e distinções importantes para a compreensão da fala como ação significativa. Considerando que somente a alma alcança o verdadeiro conhecimento, a linguagem serve para estimular o homem a aprender. As palavras são meios imperfeitos, a pesar de serem úteis. Nesse enfoque, o questionamento sobre a natureza da linguagem passa a ser secundário, cedendo espaço para a finalidade da linguagem, que é a preocupação predominante no diálogo.

A pergunta que dá início a *De Magistro* e as reflexões sobre a finalidade da linguagem se referem às pretensões do ato de fala. Hoje, diríamos que a questão não se limita à força ilocucionária da linguagem, mas questiona o aspecto perlocucionário, ou seja, as conseqüências do ato de fala. Nessa primeira reflexão de Santo Agostinho e Adeodato tenta-se fazer uma análise do porquê da linguagem e chega-se à conclusão que, segundo Coseriu (1980), constitui um esboço dos conceitos de linguagem primária e metalinguagem. Esta distinção ou classificação da linguagem é sempre retomada e estudada, ainda que com nomenclaturas diferentes. A distinção entre “significante” (isto é, a parte material do signo lingüístico) e “significado” (o conteúdo mental do próprio signo lingüístico) é atribuída a Ferdinand de Saussure, que definia o “significante” como a “imagem acústica” da natureza psíquica e não física. Estas considerações serão retomadas no capítulo 4. Mas esta distinção é muito antiga. Em *De Interpretatione* de Aristóteles, já aparecia com a diferenciação entre “aquilo que está na voz” e “aquilo que está na alma”. Não se fala daquilo que está fora do homem: aquilo que está na voz é símbolo do que está na alma. Esta distinção é explícita na gramática dos estoicos. Outra distinção bastante recente é aquela que estabelece entre a linguagem que tem por objeto realidades extralingüísticas (primária) e a que tem por objeto a própria linguagem ou “metalinguagem”. Esta distinção também não é novidade. Santo Agostinho já dizia que *verbum* é uma palavra do mesmo modo que “casa”, “cachorro” e “livro” e que significa palavra. Esta distinção foi, depois, retomada na história das reflexões sobre a linguagem, particularmente na lógica medieval, que distingue a “*suppositio formalis*” (hipótese formal ou funcional, considerando a linguagem como linguagem primária) da “*suppositio materialis*” (hipótese material, considerando a linguagem como metalinguagem).



Outro exemplo é a distinção entre sincronia e diacronia, também atribuída a Saussure, mas que aparece já em autores anteriores (Thurot, Gabelenz, etc). Em sua obra *“Cours de Lingüistique Générale”* (1916), retoma essas definições e as traduz por “faits synchroniques” e “termes successifs”. Depois de Gabelentz, Dittrich (1904), em uma obra sobre psicologia da linguagem, fazia a distinção entre essas formas lingüísticas chamando-as respectivamente, “synchronistisch” e “metachronistisch”.

Uma outra distinção moderna que, na realidade, vem da antigüidade diz respeito à língua como saber, técnica, e falar como realização da técnica lingüística concreta, na terminologia saussuriana, a distinção entre “langue” e “parole”, ou segundo Chomsky (1965) entre “competence” e “performance”.

Na obra de Santo Agostinho, *De Magistro*, também aparecia já essa diferenciação, quando no capítulo 1 distinguia-se entre falar para aprender ou para ensinar e a linguagem utilizada para cantar, rezar, etc. Exemplo disso encontramos no capítulo 1, quando Santo Agostinho pergunta a seu filho se não lhe preocupa o fato que o Mestre ensinando seus discípulos a rezar, tenha ensinado “certas e determinadas palavras” para nos mostrar como devemos falar quando rezamos. Adeodato responde que o Mestre não lhes ensinou palavras senão “pelas palavras, aquelas coisas com as quais fossem avisados quanto a quem ou o quê haveriam de pedir quando orassem”. Este é um claro exemplo de “parole”, o uso da língua com uma finalidade clara, ainda sem entender seu conteúdo próprio (não ensinou palavras).

Wittgenstein, em seu *Tractatus* (1921) retoma a idéia de Santo Agostinho de que a linguagem é uma forma de se situar no mundo, perante os outros, através da comunicação. Faz uma divisão da totalidade da linguagem em um conjunto de tarefas, cada uma das quais expressa um domínio da cultura e da ação humanas (onde entrariam o ensinar e aprender, aos quais Santo Agostinho faz referência), destacando a pluralidade lingüística. Aceita que a linguagem não é uniforme nem unitária, mas que serve para diferentes propósitos. Em consequência, prefere falar de “jogos de linguagem” (*Sprachspiele*), apresentando a linguagem como uma “forma de vida”.

Já finalizando o século XX, Chomsky (1986,1989), em sua teoria lingüística, definida como gramática generativa-transformatória, afirma que a língua tem um componente semântico que pertence à “estrutura profunda” e outro componente fonológico que pertence à “estrutura superficial”. Cada uma dessas estruturas possui regras de natureza diferente. Como Chomsky coloca a ênfase lingüística na atividade ou na criatividade do sujeito, o comportamento de um falante-ouvinte padrão consistirá em manejar as regras que lhe permitam passar de uma estrutura a outra, de modo que existe coincidência entre significado e som. Tais regras são de natureza sintática. Para Chomsky, o homem é um “animal sintático”, que nasce conhecendo os princípios e regras da linguagem. Fala de “conceitos pré-existentes”. A aprendizagem consiste em “desenvolver aquilo que já possui, não em incorporar a uma mente vazia aquilo que não tem”. As idéias de Santo Agostinho parecem renascer mais uma vez com este lingüista moderno com idéias inatistas quando fazia referência a “suscitar lembranças”.

Esse conceito é particularmente importante no ensino de língua estrangeira, quando existe a “crença” que não se possui nada. No caso em questão, o aluno “acha” que não sabe nada da língua estrangeira e cabe ao professor auxiliar na descoberta desse conhecimento prévio para que possa ser desenvolvido.

## 1.2 A palavra como signo

“As palavras são signos”(De Magistro - Santo Agostinho)

Em Santo Agostinho, aparece a análise da palavra como signo (aspecto semiótico) e tenta-se explicar seu significado em sua relação com as coisas (aspecto semântico).

Estudando a relação de comunicação juntamente com o fenômeno do verbo mental no falante. O falar, como aparecia já em Plotino, abrange os fatos de mostrar, perguntar, ensinar, lembrar e outros, merecendo cada uma das ações, sua explicação própria. Ao mesmo tempo que Santo Agostinho sabe que a fala é uma ação significante, a diferencia dos demais tipos de ações. Adeodato, (De Magistro, capítulo III) diz:

Mas se alguém perguntar sobre a coisa que podemos fazer e não o faz no momento no qual as fazemos, podemos, fazendo-as, depois da interrogação, mostrar com a própria coisa, antes que com um signo, aquilo que ele pergunta: a não ser que, por causalidade, pergunte, enquanto falo, o quê é falar: porque qualquer que seja a coisa que lhe diga para ensinar-lhe isso, sempre o farei, falando [...] (DE MAGISTRO, capítulo 3)

Deste modo, o ato de fala é diferenciado do ato lingüístico. As razões desta distinção em Santo Agostinho não são as mesmas apresentadas, por exemplo, por

Habermas (1990), quando afirma que as ações lingüísticas se interpretam por si mesmas, já que possuem uma estrutura auto-referencial. Para Santo Agostinho, o sentido referencial da palavra como signo está fora dela. Nenhum signo significa a si mesmo. Na perspectiva de Santo Agostinho, as palavras pensadas ou pronunciadas trazem à mente as próprias coisas. As palavras são signos e os signos significam algo. O importante de tudo isso é mostrar com palavras as coisas mesmas e não apenas seus signos, pois é preferível “alcançar as coisas significadas do que os signos”. (De Magistro, capítulo IX)

O tema da palavra como signo nos remete, também, ao dualismo saussuriano de significante/significado, que é retomado também por Peirce, quem se empenha em formular uma teoria geral dos signos ou semiótica, retornando à tricotomia do signo formulada pelos estoicos (significante, significado, referência). Para Peirce, seriam “veículo sígnico”, “interpretante” e “objeto”. Mas, se observarmos a definição mais de perto, notamos que o filósofo norte-americano introduz uma “novidade”: o “para alguém”, o “intérprete” do signo, dirigindo a reflexão para o desenvolvimento da idéia de caráter perlocucionário da linguagem. Todos esses conceitos já apareciam em De Magistro. O tema da linguagem ou a palavra como signo é o mais abordado no diálogo, chegando à conclusão que “não é possível mostrar a coisa sem signos”. Este signo representado é tão importante porque nos leva ao conhecimento. Como dizia, também, Merleau Ponty, a linguagem não “veste” idéias, encarna significados, estabelece a mediação entre o eu e o outro e sedimenta os significados que constituem a cultura. Temos aqui, mais um elemento importante da linguagem. Na aquisição de uma língua estrangeira, a importância da cultura, tanto da língua materna quanto da língua alvo, são fundamentais. Para sedimentar